

# Chegou o momento de construir\*

## — Ensaio geral para discursos políticos

\*A relação da juventude com a política, no geral, e a relação de cada aluno com a política, em particular, foram os motes do primeiro registo em Design de Comunicação V. Como reação à leitura de “Os jovens estão a desistir da política, e a política parece prescindir deles” (Paulo Pena, Público, 31.1.16), cada aluno construiu a sua resposta às perguntas:

- Porque desistem os jovens da política?
- Porque desistiu a política dos jovens?
- E eu, desisti da política?

A partir da sua própria experiência e posição pessoal, devidamente informada pelos argumentos, obras e autores que considerasse úteis, cada aluno expôs as suas respostas através de uma apresentação oral e de uma apresentação impressa. Partimos da noção de retórica e das suas componentes discursivas (Dispositio, Elocutio, Memória, Ação e Prolepse) para chegar a uma formalização exploratória do discurso (afim ao modelo artístico da lecture-performance) e testar o potencial, objetivos e princípios da oratória política.

### Onde está a política?

Inês Pires

Comecemos por retirar os jovens da política.

Política. A sua definição formal tem raiz na palavra *politikos* — de ou que pertence à Polis/Cidade. Por isso, a política diz respeito a uma comunidade de cidadãos e à sua interação diária.

Para Aristóteles, a participação cívica não é só um dever, mas o que distingue os seres humanos dos animais. Como animais políticos, os humanos são dotados com o *Logos*, a habilidade de usar a razão e a fala.

É precisamente aqui que encontramos o primeiro problema. Aristóteles não conheceu o animal político do séc. XXI, que possui uma particularidade muito interessante: implora por distração. É precisamente a partir deste pressuposto que ocorre um erro gravíssimo: a transformação da política num negócio de entretenimento; o tráfico de influência, o populismo, mediatismo, sensacionalismo, o abismo que engole a razão; a estupidificação do ser comum que serve um propósito evidente: criar um mar de seres amorfos incapazes de reconhecer em si uma maioria capaz. Guy Debord, na sua obra *A Sociedade do Espetáculo*, de 1967, alerta para uma cultura dominada pela imagem, onde as pessoas se preocupam mais com a imagem que projetam, como são vistas, do que como são verdadeiramente.

É uma sociedade fundamentalmente alterada pelo poder da publicidade, que perverte a realidade de forma a que a única coisa importante seja a projeção de uma aura ou uma representação específica que é constantemente melhorada, atualizada, aperfeiçoada. “No mundo invertido, o verdadeiro é um momento do falso”, dizia Debord. Neste mundo é difícil distinguir um *clickbait*, de um anúncio, de uma notícia, da realidade.

Será que, de facto, os especialistas recomendam Oral-B? E como é que é possível, neste mundo, a política competir com os dez improvisos geniais de Leonardo DiCaprio? Tornando a política numa paródia de si mesma? Reparem, o candidato Donald Trump, um cancro que cresceu para fora da caixa em que os republicanos o colocaram num canto e ignoraram, ganhou em sete estados. Sete em doze! Donald Trump é a prova perfeita de que numa sociedade controlada pela imagem, nós não queremos a verdade; escolhemos antes consumir uma imagem projetada, preferimos eleger um *entertainer* a alguém que, de facto, reflita a realidade da política. E se calhar para nós, portugueses, é fácil dizer que essa é apenas a realidade da América e que aqui ainda há um pinga de decência. Será?



Relembro que elegemos para presidente um candidato que usou, num debate, como defesa à acusação de se contradizer constantemente e de mentir, o argumento “Mas eu estava lá! Eu dei a minha opinião em direto, e você, onde é que andava?” Calma. Também temos isto (GQ com Marcelo!). De facto, lá está ele. E na TVI, na RTP, SIC, TSF, Expresso, Observador, CM, etc., etc. Em Portugal, o populismo ganhou. Relembro, também, que antes das eleições legislativas um repórter foi para a rua questionar as pessoas sobre a sua intenção de voto. Estranhamente (ou não), o que ocorreu com algumas pessoas foi mais ou menos isto: “Vai votar na coligação Passos/Portas?”; “Não! Esses? Nunca! Pô-los lá outra vez?”; “E no Portugal à Frente?”; “Ah esses se calhar, parecem importar-se...” Meus caros, vivemos, de facto, na sociedade do espetáculo, em que a projeção de uma imagem vale, sem dúvida, mais do que a verdade.